

UMA FAMÍLIA QUE SE ASSEMELHA AO PAI

Você já parou para pensar quando foi a última vez que, na prática, ou mesmo no coração, surgiu alguma briga com algum membro de sua família? Quem sabe um irmão ou uma irmã, quem sabe o pai ou a mãe? Ou ainda, o cônjuge?

Não estou me referindo apenas a uma briga que chega às vias de fato. Talvez uma informação desagradável, uma experiência negativa, alguém que o contrariou, frustrou as suas expectativas. Talvez você tenha sido tomado de um discreto sentimento de ira, não perdoou a ofensa, deu vazão à mágoa. Em circunstâncias como essas é fácil identificar os fatores externos que nos geram estes sentimentos, entretanto, Tiago diz ***“De onde vêm as guerras e contendias que há entre vocês? Não vêm das paixões que guerreiam dentro de vocês?”*** (Tg 4.1).

Observe que Tiago não identifica a causa como externa, mas interna. Não há dúvida que fatores externos disparam sentimentos, atitudes e ações hostis, entretanto, a chave não está nos fatores externos que não estão sob nosso controle, mas nos fatores internos que estão sob a nossa responsabilidade. E, se estão sob a nossa responsabilidade significa então, que os nossos piores sentimentos, que variam de acordo com as circunstâncias, devem ser por nós controlados, numa dependência plena da graça de Deus.

É urgente lembrar que no ideal de Cristo para nós, o “sermos pacificadores” está presente. Essa reação nos qualifica como semelhantes a Deus.

Lembra o que o Senhor disse por intermédio do evangelista em Mt 5.9? “Bem-aventurados os pacificadores, pois **serão chamados filhos de Deus**” (Mt 5.9). A tarefa de pacificar, não se restringe a quando o problema é de terceiros, mas principalmente quando somos os primeiros. Quando

eu gero a tensão, ou quando alguém acende a faísca em meu barril de pólvora.

Quando olhamos para dentro de nós, que material identificamos em nosso coração, pronto para ser inflamado? Será que não surgem perguntas como: “Eu mereço ser respeitado”, “Isso é meu direito”, “Esse assunto é da minha conta”, “Isso é de minha propriedade e você não pode tocar nisso”? Frases assim refletem um coração em cujo trono está um adorador do próprio EU. Algo comum a todos os pecadores.

Sem dúvida, temos direitos, e é natural que lutemos pela nossa sobrevivência, mas ser semelhante a Deus requer a atitude de negar a si próprio, a dar atenção ao interesse dos outros, a confiar a Deus os nossos direitos e privilégios, a reconhecer que o direito da retribuição pertence apenas a Deus.

O que te aflige? Ofensas? Falta de consideração? Mentiras ou dissimulação? Agressão? Duas coisas precisam ser feitas: Entregar a Deus os nossos direitos, e confiar que Ele nos capacita a mantermos os nossos próprios interesses em segundo plano.

Gosto da ilustração (sempre presente na Bíblia) entre Família e Igreja. O apóstolo Paulo faz isso muito bem. É no ambiente familiar que somos quem somos. É ali que temos a oportunidade de revelar o nosso coração com maior facilidade. É ali que perdemos e ficamos frustrados, mas ao mesmo tempo é ali o lugar mais adequado para deixarmos que Deus demonstre a sua abundante graça. Aliás, a família é o melhor ambiente para experimentarmos também a renúncia. Quando renunciamos a nós mesmos, por mais que tenhamos uma perda, nos tornamos mais semelhantes ao Pai.

Pr. Vagner Pontes